

## **CLASSES SOCIAIS NO PAPEL, CLASSES MOBILIZADAS E LUTAS PELA CLASSIFICAÇÃO EM PIERRE BOURDIEU: UMA DISCUSSÃO EM DIÁLOGO COM O FAZER-SE DA CLASSE DE E. P. THOMPSON**

### **Resumo**

O presente artigo indaga em torno à conceição das classes sociais no pensamento de Pierre Bourdieu em estreita vinculação com as noções chaves de seu arcabouço teórico: espaço social, campo, *habitus*, tipos de capital. Apresenta-se a forma como Bourdieu concebe o espaço social para derivar nele recortes entre grupos de agentes que partilham similares condições de existência, condicionamentos e propriedades, configurando o que Bourdieu denomina de “classes no papel”. Posteriormente, se aborda a perspectiva construtivista de Bourdieu em sua conceição das “classes reais”, constituídas através de processos simbólicos e políticos, colocando-a em diálogo com o “fazer-se” da classe de E. P. Thompson. Finalmente, se destacam alguns claro-escuros, na visão das classes de Bourdieu, evidenciando algumas de suas potencialidades e limites.

**Palavras-chaves:** teoria social, classes sociais, lutas simbólicas, representação.

*Pois a classe não é nem constatada, nem decretada; assim como o fatum do aparelho capitalista, assim como a revolução, antes de ser pensada ela é vivida a título de presença obcecante, de possibilidade, de enigma e de mito.”*  
(Maurice Merleau-Ponty)<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Em vários de seus trabalhos, Pierre Bourdieu aborda e desenvolve a discussão sobre as classes sociais e sua definição. Em certo sentido, esta discus-

---

1 Mestre em Ciências Sociais pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO, Quito - Equador); Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia; email: ferlarrea@gmail.com

2 Merleau-Ponty, (1999: 598).

são ultrapassa todo o prolífico itinerário da produção intelectual de Bourdieu, desde seus primeiros trabalhos sobre Argélia no final dos anos 50 e início dos 60, do século passado,<sup>3</sup> continuando com *A distinção*<sup>4</sup> que se situa no centro de sua produção, até suas últimas pesquisas e estudos desenvolvidos na França, nos anos 90, momento particularmente relevante para um Bourdieu engajado politicamente, que acompanha as lutas de sindicatos e movimentos sociais contra o neoliberalismo.<sup>5</sup> Bourdieu questiona uma compreensão meramente econômica das classes sociais, ao mesmo tempo em que rejeita uma visão substancialista ou essencialista em sua definição; assim, coloca a discussão dentro de seu próprio arcabouço teórico, isto é, em uma perspectiva relacional e vinculada estreitamente as noções de espaço social, campo, capital e *habitus*. A conceição das classes, em Bourdieu, desenvolve-se conseqüentemente nessa fina e instável faixa em que decorre sua teoria da prática, na qual busca conciliar ou superar a antinomia entre objetivismo e subjetivismo, entre estrutura e ação. Pode-se dizer que em sua compreensão das classes sociais põe-se em tensão todo seu arcabouço teórico metodológico, mostrando algumas de suas potencialidades e possibilidades para a análise concreta de distintas realidades empíricas, como também expressando seus limites e fissuras.

O presente artigo indaga algumas das aristas e dos claro-escuros que a perspectiva de Bourdieu, sobre as classes sociais, traz dentro de sua abordagem teórica, com seus conceitos centrais, sintetizados nas noções de espaço social, campo, *habitus* e tipos de capital. Após uma apresentação dos elementos centrais da conceição bourdieusiana das classes sociais e de suas críticas e rupturas com uma tradição marxista mais ortodoxa, desenvolve-se a discussão sobre as perspectivas que abrem suas potencialidades e limites, colocando-as em diálogo com a visão sustentada por E. P. Thompson, em seus estudos históricos e suas reflexões teóricas sobre as classes sociais; este último autor partilha com Bourdieu uma abordagem construtivista crítica, mas que se mantém dentro de uma perspectiva marxista.

---

3 Entre os trabalhos de Bourdieu, nesta etapa, deve-se mencionar especialmente *Trabalho e Trabalhadores na Argélia*, publicado em 1963, no qual o autor desenvolve um esboço para a descrição das classes sociais na sociedade argelina. Ver Baranger, (2012).

4 *A distinção: crítica social do julgamento* (BOURDIEU, 2008a), publicada em francês, em 1979, considerada uma obra central na carreira intelectual de Bourdieu. Posteriormente, o autor publicará, em 1984, o artigo “*Espaço Social e gênese das classes*”, onde apresenta uma síntese de seu posicionamento teórico em torno às classes em forma mais acabada, incorporando todas as implicâncias já presentes em *A distinção* (BARANGER, 2012). Este artigo está publicado em português como um capítulo do livro *O poder simbólico*. (BOURDIEU, 2010)

5 Nesta fase, destaca-se a pesquisa coordenada por Bourdieu chamada *A Miséria do Mundo*, sobre o sofrimento socialmente induzido na França contemporânea, publicada originalmente em 1993. (BOURDIEU, 2003) Sobre esta fase de engajamento político de Bourdieu, ver Braga, (2011); também Bensaid, (2002).

Esta discussão apoia-se, também, em uma série de reflexões e contribuições de distintos autores, sobre o pensamento de Bourdieu, entre os que se destacam aqueles que se inserem dentro do que Braga define como um “marxismo aberto”, isto é, um tipo de marxismo que se caracteriza por: a) uma compreensão da história como um processo “aberto” (afastando-se de uma visão teleológica); e b) que entende que a obra de Marx representa um projeto intelectual “aberto” a permanente atualização e fundamentalmente crítico. (BRAGA, 2011, p. 62) Estes autores têm atualizado, nos últimos anos, o diálogo entre Marx, os marxismos e as propostas teórico-metodológicas de Bourdieu, destacando espaços de confluência e de diferenciação<sup>6</sup>.

## **ESPAÇO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DE CLASSES: AS CLASSES NO PAPEL**

Para Bourdieu, o mundo social pode ser representado desde uma perspectiva sociológica como um espaço multidimensional, construído empiricamente, sobre a base de um conjunto de fatores ou propriedades que sustentam as diferenças observadas, em um universo social determinado. Estas propriedades são as distintas “formas de capital” que estão ativas nesse universo e que são capazes de conferir poder ou força aos agentes que as possuem. (BOURDIEU, 2001, p. 105)<sup>7</sup> Tomando como referência concreta a sociedade francesa contemporânea, Bourdieu distingue quatro formas de capital como as fundamentais: o capital econômico, em suas distintas espécies; o capital cultural, também em seus diversos tipos; e duas formas de capital adicionais fortemente relacionadas com as duas primeiras, o capital social, baseado em conexões e pertença grupal; e o capital simbólico, que é a forma adotada por os outros tipos de capital, uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (2001, p. 106). Consequentemente, os agentes se distribuem no espaço social ocupando distintas posições segundo estes princípios de diferenciação, isto é, segundo a distribuição destas formas de capital.

Bourdieu salienta que a noção de espaço “contém em si o princípio de apreensão relacional do mundo social” pelo qual contribui para romper com a tendência da sociologia de pensar o mundo social de maneira substancialista.

6 Nesta direção, pode-se mencionar o livro de Michael Burawoy escrito em colaboração com Karl Von Holdt, chamado *Conversations with Bourdieu: The Johannesburg Moment*. (BURAWOY; VON HOLDT, 2012) Uma versão prévia dos textos de Burawoy foi publicada no Brasil, sob a organização de Ruy Braga. (BURAWOY, 2010) Ver também (BRAGA, 2011; CORCUFF, 2009; CORCUFF, 2002; BENSALID, 2002).

7 Ver também (BOURDIEU, 2010; BOURDIEU, 2008b).

A realidade que a ideia de espaço social designa reside na “exterioridade mutua dos elementos que a compõem” e os agentes diretamente visíveis nesse espaço, sejam eles indivíduos ou grupos, “existem e subsistem na e pela diferença”, ao ocupar “posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real [...] e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos”. (BOURDIEU, 2008b, p. 48-49)

Nesta direção é que Baranger (2012, p. 121) destaca que a preeminência da noção de espaço social no pensamento de Bourdieu se afirma em um sentido ontológico (o espaço social é real), epistemológico (é possível conhecer este espaço) e metodológico (o primeiro é construir o espaço). Conseqüentemente, para Bourdieu (2008b, p. 49-50), dado que todas as sociedades se apresentam como espaços sociais, como “estruturas de diferenças”, o papel da ciência social é, precisamente, “construir e descobrir o princípio de diferenciação, que permite reengendrar teoricamente o espaço social empiricamente observado”, isto é, o princípio da estrutura de distribuição dos tipos de capital eficientes no universo social considerado, que variam de acordo aos lugares e momentos.

Utilizando uma variedade de métodos qualitativos e quantitativos, é em *A distinção* (2008a) que Bourdieu desenvolve e põe à prova esta conceição do espaço social em “uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica” referida à sociedade francesa nos anos 70. (BOURDIEU, 2008b, p. 14) Nesta pesquisa, os agentes são distribuídos na totalidade do espaço social em torno de três dimensões: na primeira dimensão, segundo o volume global do capital (capital econômico, capital cultural e capital social) que possuem; na segunda dimensão, em função da estrutura do seu capital (peso relativo dos diversos tipos de capital no volume global); e na terceira dimensão, segundo sua trajetória, isto é, sua evolução no tempo (trajetória passada e seu potencial no espaço social), do volume e composição do seu capital. (BOURDIEU, 2008a, p. 95-161)

A partir desta distribuição dos agentes no conjunto do espaço assim construído, é possível realizar recortes em áreas específicas deste espaço, onde se agrupam os agentes que partilham posições próximas entre si. Estes recortes representam, então, “classes lógicas”, ou “classes no papel”, construídas analiticamente desde uma perspectiva sociológica, nas quais os indivíduos agrupados em uma mesma classe caracterizam-se por manter a maior semelhança possível no maior número de aspectos. Ao partilhar condições objetivas parecidas, estes agentes estão sujeitos aos mesmos fatores condicionantes, conseqüentemente têm todas as possibilidades de ter disposições e interesses similares e de produ-

zirem práticas, representações e tomadas de posição do mesmo tipo, isto é, de ter os mesmos *habitus*. (BOURDIEU, 2001)

A noção de *habitus*<sup>8</sup> é central no arcabouço teórico de Bourdieu, porque permite a conexão entre as estruturas objetivas do espaço social as condições concretas de existência dos indivíduos e a ação e práticas concretas dos agentes no mundo social. Produto, ele mesmo, da interiorização das estruturas, de sua inscrição nos corpos. O *habitus* é o princípio gerador e organizador das práticas individuais e coletivas, configurando o conjunto de respostas possíveis e adequadas dos agentes, em situações muito diversas: “[...] sendo o produto de uma classe determinada de regularidades objetivas, o *habitus* tende a engendrar todas as condutas ‘razoáveis’, do ‘senso comum’, que são possíveis nos limites dessas regularidades”, condutas que podem ser sancionadas positivamente porque estão objetivamente ajustadas à lógica de um campo social dado; ao mesmo tempo, tende a “excluir ‘sem violência, sem arte, sem argumento’ todas ‘as loucuras’ (‘isso não é para nós’)”, todas as condutas que podem ser negativamente sancionadas por ser incompatíveis com as condições objetivas. (BOURDIEU, 2009, p. 92)

Mas ao mesmo tempo em que os *habitus* organizam as práticas e sua percepção, as práticas resultantes apresentam-se como “configurações sistemáticas de propriedades”, que exprimem as diferenças objetivamente existentes e as “distâncias” entre as classes no espaço social, e que ao serem percebidas pelos agentes dotados dos princípios de percepção e apreciação necessários para identificá-las e interpretá-las, funcionam como estilos de vida (BOURDIEU, 2008a p. 164), constituindo assim diferenças simbólicas e *signos distintivos*<sup>9</sup>. Como salienta Bourdieu: “Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados, mas são também diferenciadores, distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções [...]”.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e, sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. (BOURDIEU, 2008, p. 22)

8 Para uma compreensão mais detalhada das noções de *habitus* e de campo social ver Bourdieu, 2009.

9 Em *A Distinção*, Bourdieu analisa precisamente os gostos e os estilos de vida como “marcadores” simbólicos privilegiados da “classe”. “O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas”. (BOURDIEU, 2008a, p. 13)

Bourdieu enfatiza a importância dos processos de classificação (*classements*) que acontecem na existência corrente, no dia a dia, e que realizam os próprios agentes no universo social. Os *habitus* constituem os princípios desde os quais se produzem permanentemente na prática estas classificações, a partir das posições ocupadas pelos agentes no espaço social (posições segundo as quais eles são classificados e desde as quais eles classificam aos outros), como parte das estratégias postas em jogo por eles para mantê-las ou modificá-las, pois estas posições para Bourdieu (2008a, p. 229) são “inseparavelmente localizações estratégicas, lugares a defender e conquistar em um campo de lutas”.

Para Bourdieu (2008b), o espaço social global pode ser concebido ao mesmo tempo como um campo de forças cuja necessidade impõe-se aos agentes nele envolvidos e como um campo de lutas, no qual os agentes se enfrentam desde suas condições, contribuindo para a conservação ou para a transformação de sua estrutura. Aqui, evidencia-se no pensamento de Bourdieu a conceição agonística do mundo social,<sup>10</sup> isto é, como produto permanente das lutas que nele operam. Ao mesmo tempo, aqui se fecha e concilia o circuito entre estrutura e ação, ao colocar em relação no seu sistema teórico “as posições sociais (conceito relacional), as disposições (*habitus*) e as tomadas de posição, as escolhas que os agentes fazem nos domínios mais diferentes da prática”. (BOURDIEU, 2008b, p. 18)

O espaço social nas sociedades altamente diferenciadas, além de constituir ele mesmo um macro campo de forças e de lutas, está conformado, por sua vez, de uma pluralidade de campos sociais mais específicos, os quais constituem também “microcosmos sociais” relativamente autônomos<sup>11</sup> (tais como o campo artístico, o campo científico, religioso, político, jurídico, econômico, etc.), dotados de uma lógica própria e que, igualmente, funcionam como espaços de posições sociais e estratégias dos agentes. Um campo social se caracteriza por ser, por um lado, um sistema de forças que se impõe ao conjunto de agentes envolvidos nele, independentemente da posição que ocupem e da percepção que tenham ou não das mesmas, mas por outro lado é, também, a arena de lutas destinadas a modificar ou conservar o estado das relações de força e a distribuição do capital específico sobre o qual este estado se baseia. (WACQUANT, 2001) Bourdieu (2009, p. 109) utiliza a metáfora de um jogo para ilustrar esta noção de campo social, isto é, “o espaço de jogo, as regras de jogo, o que está em jogo”, com a diferença que no caso dos campos sociais, ao ser resultado de um longo processo de autonomização, “não se entra no jogo mediante um ato de

---

<sup>10</sup> Ver Waquant, 2001.

<sup>11</sup> Ver Bourdieu e Wacquant, 1995: 63-78. Também Baranger, 2012. Baranger aborda em detalhe a discussão sobre o conceito de campo social no pensamento de Bourdieu, suas implicâncias e as críticas que tem recebido.

consciência, se nasce no jogo, com o jogo, e a relação de crença, de *illusio*,<sup>12</sup> de investimento é tanto mais total, incondicional, quanto ela se ignora como tal”.

Com o conjunto de elementos, descritos neste rápido percurso pelos aspectos centrais do arcabouço teórico de Bourdieu, podemos resumir seus argumentos em torno das “classes teóricas” ou “classes no papel”, derivadas de sua concepção do espaço social. Como foi dito, as classes construídas analiticamente, baseadas no conhecimento das posições e de seu recorte no espaço social, podem ser caracterizadas como o conjunto agregado de agentes que, pelo fato de ocupar posições similares no espaço social (isto é na distribuição de poderes ou tipos de capital), estão sujeitos a similares condições de existência e fatores condicionantes e, como resultado, estão dotados de disposições similares que os levam a desenvolver práticas e tomadas de posição semelhantes. (BOURDIEU, 2010, p. 136)

Estas “classes no papel”, para Bourdieu, têm existência teórica, mas não devem ser confundidas com as classes reais, com as classes atuantes e mobilizadas para a luta. Mesmo que estejam bem fundamentadas e que possam proporcionar explicações mais completas da realidade social, estas “classes lógicas” devem ser consideradas apenas como “classes prováveis” cujos componentes podem se aproximar, mobilizar e constituir grupos, sobre a base de suas semelhanças de interesses e disposições, mas não estão realmente mobilizados. (BOURDIEU, 2001, p. 112)

### **AS CLASSES MOBILIZADAS E AS LUTAS DE CLASSIFICAÇÕES: O FAZER-SE DA CLASSE**

Para Bourdieu (2001, p. 111), a tradição marxista comete a falácia teórica de equiparar as “classes construídas” que existem somente no papel com as classes reais, motivadas pela consciência da identidade de sua condição e interesses, mas também constituídas em forma de grupos mobilizados, confundindo assim “as coisas da lógica com a lógica das coisas”.<sup>13</sup> Bourdieu levanta esta crítica à concepção marxista das classes por considerar que ela conduz, seja à transposição mecânica sem mediar processo nenhum entre o grupo teórico derivado analiticamente da estrutura e o grupo prático, seja para estabelecer a passagem

12 Bourdieu usa a noção de *illusio* para substituir a noção de interesse e evitar a confusão com o senso dado a este conceito pela teoria utilitarista. Para Bourdieu a noção de “*illusio*” diz respeito ao fato de estar envolvido, de ser prendido no jogo e pelo jogo. Estar interessado quer dizer aceitar que o que acontece em um jogo social determinado tem senso, que as apostas são importantes e dignas de serem empreendidas. (BOURDIEU; WACQUANT, 1995, p. 80)

13 Bourdieu usa esta frase de Marx com a qual ele criticava Hegel. Ver Marx, (2010).

desde a “classe em si” definida desde um conjunto de fatores objetivos, para a “classe para si” fundada em fatores subjetivos; passagem “celebrada como uma verdadeira promoção ontológica” decorrente da “tomada de consciência” como o efeito da realização da verdade objetiva sob a “direção esclarecida do partido”. (BOURDIEU, 2010, p. 138) O alvo central desta crítica de Bourdieu concentra-se na substancialização ou teleologização da classe assim como na “misteriosa” passagem de um momento para o outro, atribuídas a “uma tradição marxista indeterminada”.<sup>14</sup> (BRAGA, 2011)

Bourdieu (2001) considera que a construção de “uma classe sobre o papel”, mesmo que esteja bem fundamentada na realidade e apoiada nos princípios subjacentes das práticas em um universo social determinado, não se impõe de forma evidente para os agentes atuantes no mundo social, nem prevalece automaticamente nas suas percepções do mesmo. As representações individuais e coletivas que os agentes fazem do mundo social, em suas práticas cotidianas, podem estar referidas a outros princípios de classificação ou categorias, totalmente diferentes daquelas segundo as quais são construídas as classes teóricas, por exemplo, critérios étnicos, raciais, nacionais, religiosos ou estabelecidos em função de divisões ocupacionais, locais ou comunais. Assim, ao equiparar as classes construídas desde uma perspectiva analítica com os grupos reais, por uma parte, prescinde-se do processo e trabalho político necessário para impor um princípio de visão e divisão do mundo social, e, por outro, desconsidera-se as classificações, continuamente produzidas pelos agentes na sua existência corrente, como parte das lutas simbólicas, para manter ou modificar sua posição objetiva no espaço social. (BOURDIEU, 2010) Como acrescenta Bourdieu:

Não se passa da classe-no-papel à classe “real” a não ser por um trabalho político de mobilização: a classe “real”, se é que ela alguma vez existiu “realmente”, é apenas a classe realizada, isto é, mobilizada, resultado da luta de classificações como luta propriamente simbólica (e política) para impor uma visão do mundo social, ou, melhor, uma maneira de construí-la, na percepção e na realidade, e de construir as classes segundo as quais ele pode ser recortado. (BOURDIEU, 2008b, p. 26)

---

14 Evidentemente as críticas de Bourdieu à teoria marxista referem-se a um “marxismo ‘oficial’ como, se não o único, ao menos o mais autêntico representante da tradição marxista” (Braga, 2011: 68). Além da crítica à substancialização da classe, nas perspectivas marxistas mais ortodoxas, Bourdieu também acrescenta sua ruptura com o economismo, que reduz o espaço social que tem um caráter multidimensional ao campo econômico ao definir as classes em função unicamente da posição nas relações de produção e, também, a crítica ao objetivismo, que leva a ignorar a importância das lutas simbólicas nos distintos campos sociais, “nas quais está em jogo a própria representação de mundo social” e a hierarquia no seio de cada um dos campos e entre os diferentes campos” (BOURDIEU, 2010, p. 133).

Nesta direção, Bourdieu destaca a importância das lutas de classificações na mesma definição das classes e suas fronteiras, lutas simbólicas que constituem “uma dimensão esquecida da luta de classes”. (BOURDIEU, 2008a, p. 447) O autor relembra que a própria existência ou inexistência de classes é uma das mais importantes apostas na batalha política e que o processo de produção real de classes, isto é, constituídas e expressadas politicamente por órgãos de representação, por símbolos, acrônimos e demarcações, obedece a uma lógica específica de produção simbólica (BOURDIEU, 2001), lógica por meio da qual é possível tornarem público, fazerem existir em estado explícito, visível, dizível e, até mesmo, oficial a constituição de grupos.<sup>15</sup> (BOURDIEU, 2010)

Além do processo de produção simbólica das classes, Bourdieu também enfatiza o papel da representação no processo de produção política da classe, isto é, a presença e a atuação de porta-vozes autorizados para falar em nome da classe e para representá-la em distintos espaços públicos. Nessa direção, para este autor, uma classe (social, sexual, étnica) só existe realmente quando há agentes autorizados para falar e atuar oficialmente em seu lugar e em seu nome, exercendo um poder sobre aqueles que, reconhecendo neles o poder de falar e atuar em seu nome reconhecem-se, ao mesmo tempo, como membros dessa classe. (BOURDIEU, 2001) Estes porta-vozes, autorizados a falar em lugar de um grupo, põem sub-repticiamente a sua existência, instituem o grupo em questão, “pela operação de magia que é inerente a todo o ato de nomeação.”<sup>16</sup> (BOURDIEU, 2010, p. 159)

Em suma, para Bourdieu, a existência de uma classe real, uma classe mobilizada, só acontece quando se produz estes processos coletivos, de construção simbólica e produção política da classe que, por sua vez, implicam que ela tenha se dotado de representantes ou porta-vozes, de um aparelho institucional (sindicato, partido, etc.), de visões comuns do mundo social e, conseqüentemente, de discursos que as expressem.

Nesta linha de pensamento, ao destacar que a constituição dos grupos ou das classes na realidade social obedece sempre a um complexo trabalho histórico de construção, Bourdieu assume um enfoque construtivista, próxi-

---

15 Para Bourdieu, nas sociedades modernas as batalhas e disputas coletivas propriamente políticas, travadas pelos agentes (quase sempre especialistas tais como os políticos) têm como último objetivo, precisamente, o poder de nomeação possuído pelo Estado (BOURDIEU, 2001, p. 123); trata-se do poder de “nomeação oficial”, que produz as classificações oficiais, como ato de imposição simbólica que tem a seu favor a força do coletivo, do consenso, do senso comum ao estar operada por um mandatário do Estado. (BOURDIEU, 2010, p. 146)

16 Bourdieu chama de “mistério do ministério” este processo de “magia social” mediante a qual uma pessoa se torna algo diferente do que ela é (um homem), para passar a representar um grupo de homens, um coletivo ou uma entidade, dotando ao mesmo tempo de existência a esse grupo ao falar por ele, a favor dele e no lugar dele. (BOURDIEU, 2010, p. 158)

mo ao de Edward P. Thompson. De fato, Bourdieu sublinha que o título do famoso trabalho de Thompson, *The Making of the English Working Class*,<sup>17</sup> deveria ser tomado de forma bastante literal em relação à classe trabalhadora e ao processo político de construção, de fabricação desta classe, como a conhecemos hoje. (BOURDIEU, 2001, p. 114)<sup>18</sup> Corcuff (2009) destaca que a abordagem construtivista sobre as classes sociais de Bourdieu beneficiou-se dos trabalhos de Thompson que ele conhecia bem e da pesquisa de Boltanski (colaborador de Bourdieu na época) sobre *Les Cadres*<sup>19</sup> (engenheiros e executivos da classe dirigente), para ampliar os elementos de sociologia construtivista dos grupos sociais em uma perspectiva “post-marxista”, distinta à perspectiva de Thompson. Neste sentido é que uma leitura dos elementos comuns e das diferenças entre estes dois autores é relevante.

Igual a Bourdieu, Thompson (2012) rejeitou uma posição meramente objetivista ou substancialista da classe. Em suas pesquisas e trabalhos históricos, confrontou diretamente diversas tradições intelectuais e políticas, que concebem a classe como uma noção estática, seja na sociologia positivista,<sup>20</sup> seja naquelas tendências do pensamento marxista que derivam as classes de um modelo estático de relações de produção no capitalismo, deslocando para um segundo plano a atuação humana e o papel da classe trabalhadora, na construção da história.<sup>21</sup> Contrariamente a estas posições, Thompson considera a classe enquanto “categoria histórica”, que se “deriva de processos sociais através do tempo”. (THOMPSON, 2012, p. 270)<sup>22</sup> Neste sentido, sua abordagem não procede de um dualismo teórico que opõe a estrutura à história e, pelo contrário, considera a formação das classes como processos históricos concretos modelados pela lógica das determinações materiais. (MEIKSINS WOOD, 1983) Neste aspecto também coincide com o posicionamento de Bourdieu na sua tentativa de sair da antinomia comum nas ciências sociais entre o objetivismo e o subjetivismo.<sup>23</sup>

Assim, quando Thompson fala do “fazer-se” da classe, refere-se a “um processo ativo que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos” ou determinações objetivas. Na sua pesquisa histórica sobre o processo de for-

---

17 Ver Thompson, (2011).

18 Ver também Bourdieu (2008b, p. 29).

19 Refere-se ao trabalho de Boltanski chamado *Les cadres. La formation d'un groupe social*, Paris, Minuit, 1982.

20 Thompson refere-se, de forma geral, com este qualificativo àquelas tradições sociológicas que reduzem a discussão sobre as classes a medições quantitativas, por exemplo, número de assalariados, de burocratas, etc.

21 Ver Meiksins Wood (1983). Neste trabalho, a autora discute as principais proposições relacionadas à concepção, de Thompson, sobre a classe enquanto relação e processo, debatendo as críticas levantadas a Thompson, por diversos pensadores dentro do marxismo.

22 Ver também Thompson, 1984.

23 Ver Bourdieu, (2001, p. 2010).

mação da classe operária inglesa, entre 1780 e 1832, recupera concretamente o papel dos sujeitos como fazedores da história. Enfatiza a noção de classe como uma relação histórica que “escapa à análise” quando se tenta “imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura” e que “precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais”. Para Thompson (2011, p. 9-10), “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”. Como se pode observar, esta noção da classe em termos relacionais e do fazer-se da classe como um processo político, simbólico e cultural ativo, encarnado e diretamente vinculado com os protagonistas das lutas sociais, e que consequentemente não se deriva automaticamente de uma estrutura, tem elementos comuns com a visão da “classe mobilizada” de Bourdieu.

Embora Thompson tenha sido acusado de subjetivismo ou voluntarismo, por sua ênfase nos processos históricos concretos de formação da classe, em lugar de derivá-la mecanicamente de uma estrutura, ele não desconhece o peso que as determinações objetivas, concretizadas em uma dada inserção nas relações de produção, exercem sobre as pessoas, mas sua postura focaliza-se nas formas concretas como estas relações são experimentadas e vivenciadas. Em palavras do autor:

A classe se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do ‘conjunto de suas relações sociais’, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. (THOMPSON, 2012, p. 277)

A dimensão de antagonismo também é um elemento chave na concepção da classe de Thompson. Assim, este autor sublinha “o fato de a classe no seu sentido heurístico ser inseparável da noção de ‘luta de classes’” e considera que foi dada uma excessiva atenção, muitas vezes de maneira anti-histórica, à “classe”, e, muito pouca, pelo contrário, à “luta de classes”. (THOMPSON, 2012, p. 274) Neste sentido, como destaca Meiksins Wood (1983), o princípio que sustenta o trabalho histórico de Thompson é o de que as classes são feitas e se formam nos processos de luta e conflito, nos quais se identificam interesses divergentes e se estabelecem antagonistas. Como acrescenta Thompson: “as classes surgem porque homens e mulheres, em relações produtivas determinadas identificam seus interesses antagonísticos e passam a lutar, a pensar e a valorar em termos de

classe: assim o processo de formação da classe é um processo de autoconfecção embora sob condições que são ‘dadas’”. (THOMPSON, 1981, p. 121)

Em termos gerais, é possível observar alguma coincidência desta dimensão com o agonismo, presente na noção de campo social de Bourdieu, e na sua visão das lutas de classificações como parte dos processos permanentes de disputa simbólica, que contribuem para a definição das classes e suas fronteiras na sociedade. Mesmo assim, é preciso ter alguma cautela, pois na concepção bourdesiana das classes, os agentes que ocupam posições dominadas ou dominantes no interior do conjunto aberto de campos relativamente autônomos e que lutam constantemente por melhorar ou manter sua posição, não necessariamente constituem-se em grupos antagonistas.<sup>24</sup>

Para finalizar esta parte, é importante ressaltar a centralidade que o conceito de “experiência” tem na visão de Thompson sobre os processos concretos do “fazer-se da classe”. A “experiência” é concebida por este autor como o “termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que da cor à cultura, aos valores e ao pensamento”. (THOMPSON, 1981, p. 112) Enquanto mediação entre as determinações e relações objetivas dadas e a forma como estas relações são processadas concretamente pelos agentes, a noção de experiência permite a transmutação da estrutura em processo, a recuperação do substrato histórico no presente e a reinserção dos sujeitos na história:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, [...] não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida, ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, a través de estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182)

Além de algumas diferenças evidentes enquanto conceitos com um papel de mediação teórica, é possível identificar algumas similaridades entre a noção de “experiência” de Thompson e de *habitus* em Bourdieu, a primeira atuando como mediação entre o ser social e a consciência social, entre as determinações estruturais e a ação dos sujeitos na história e o segundo como mediação entre estrutura e ação, entre o campo social e as práticas concretas dos agentes.

---

24 Ver Bourdieu, 2010.

Mesmo assim – e sendo os dois conceitos bastante abertos no que diz respeito a suas propriedades e conteúdos específicos que puderem assumir em função de distintas realidades empíricas concretas a serem analisadas – a noção de experiência de Thompson pareceria permitir uma consideração mais adequada das contingências da história e a compreensão do papel dos sujeitos nas lutas e transformações sociais e culturais em processos históricos de maior alcance, enquanto que o conceito de *habitus* cobra força para compreender as relações de poder em um campo determinado e as diversas práticas e estratégias postas em jogo pelos agentes que derivam em diferenças simbólicas.

### **COMENTÁRIO FINAL: OS CLARO-ESCUROS NA PERSPECTIVA DAS CLASSES DE BOURDIEU**

Após este percurso em torno da conceição das classes no papel, as lutas de classificações e as classes mobilizadas em Bourdieu, passando pelo “fazer-se da classe” de E. P. Thompson, gostaria de apontar, a modo de conclusão, algumas das contribuições e potencialidades da conceição das classes de Bourdieu, assim como vários elementos críticos e limites para a análise de diversas realidades empíricas.

Evidentemente, uma das contribuições mais significativas da conceição das classes em Bourdieu é sua recusa a qualquer visão que essencialize as classes, desafiando-nos, permanentemente, a pensá-las e concebê-las em termos relacionais, seja desde uma perspectiva analítica ou teórica, seja em termos descritivos dos processos concretos que decorrem numa realidade determinada. Vinculada a esta visão relacional das classes sociais, sua alerta no que diz respeito a evitar e considerar como classes reais às classes resultantes das análises que os estudiosos fazem das estruturas objetivas presentes na sociedade num momento determinado, sem considerar os processos de produção simbólica e de construção política dos grupos, promove desde a perspectiva de um construtivismo crítico, uma compreensão mais processual e dinâmica das práticas sociais relativas à formação das classes.

Um segundo aspecto no qual as contribuições da conceição das classes de Bourdieu são fundamentais refere-se ao tratamento integrado das distintas dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais e simbólicas, que configuram as relações de poder presentes em distintos campos sociais e que marcam a produção de diferenças sociais. Na conceição Bourdieusiana das classes, os elementos simbólicos não são um mero reflexo das diferenças econômicas na

posição dos agentes, mas eles mesmos são, ao mesmo tempo, produtores e afirmadores das diferenças. A ênfase no trançado teórico de Bourdieu, nas lutas de classificações que fazem parte das lutas simbólicas, que acontecem continuamente na sociedade, abre uma interessante trilha de pesquisa teórica e empírica sobre os critérios de diferenciação operados pelos agentes, as linhas de classificação e divisão do mundo social e o papel de determinados marcadores simbólicos que configuram as diferenças e as relações de poder, orientando as práticas concretas dos agentes. Nesta direção, é possível compreender, por exemplo, como se produz, em termos concretos, o entrelaçamento de critérios de diferenciação simbólica, baseados em divisões sociais, étnicas, raciais ou de gênero que determinam formas de exclusão ou de discriminação, nas relações cotidianas de poder decorrentes das relações de força entre distintos setores sociais. Ao mesmo tempo, também, abre outro campo de visibilidade relacionado com o papel do Estado e das instituições nas lutas de classificação na definição de critérios classificatórios ou na legitimação daqueles colocados por determinados grupos.

Corcuff (2009) ressalta outra contribuição da perspectiva analítica de Bourdieu que tem sido pouco debatida. Trata-se da forma como, por meio do conceito de *habitus*, se considera a singularidade individual constituída nas relações sociais (que vai além da visão do individualismo liberal), a partir da relação entre o *habitus* de classe e o *habitus* individual.<sup>25</sup> Para Corcuff, esta relação<sup>26</sup> entre as disposições coletivas decorrentes das experiências comuns que têm as pessoas de uma classe como consequência de ter vivenciado condicionamentos semelhantes (*habitus* de classe), e os *habitus* individuais, cujo princípio de diferenciação dos primeiros radica na “singularidade das trajetórias sociais”, abre a possibilidade e o desafio de pensar ao mesmo tempo o coletivo e o singular, isto é, o coletivo dentro do singular, onde cada pessoa exprimiria uma singularidade feita do coletivo e o *habitus* seria uma individuação irreduzível de princípios e experiências coletivas, cuja combinação nos faz únicos. (Corcuff, 2009, p. 22) Nesta direção, a sociologia disposicional de Bourdieu contribuiria para uma leitura pluridimensional da individualidade.<sup>27</sup>

Na mesma linha, no que diz respeito à perspectiva dos campos sociais desenvolvida por Bourdieu, enquanto esferas autônomas e diferenciadas da vida social, nas quais se diversificam e tornam mais complexas as relações de poder e dominação entre os agentes que agem neles, Corcuff (2009) conside-

25 Sobre a diferença entre o *habitus de classe* e o *habitus individual*, ver Bourdieu, (2009).

26 Relação que Bourdieu qualifica como de “diversidade na homogeneidade”. (BOURDIEU, 2009, p. 100)

27 Para uma discussão mais detalhada de esta perspectiva de leitura da individualidade na sociologia clássica e contemporânea ver Corcuff, (2008).

ra que as noções de totalidade social e de “sistema” tendem a se diluir no pensamento de Bourdieu, diante a pluralidade dos campos com sua heterogeneidade e temporalidade próprias. Isso abriria outras formas de generalizar sem deixar de lado a pluralidade, desde uma ideia de globalidade plural mais afinada ao procedimento empírico-teórico das ciências sociais. Como acrescenta Braga (2011) também contribuiria para pensar a pluralidade dos modos concretos como se exerce a dominação no capitalismo.

Mesmo assim, a perspectiva dos campos autônomos em relação à caracterização das classes sociais no pensamento de Bourdieu não deixa de ter algumas arestas problemáticas. Uma delas refere-se as escassas referências às conexões entre os distintos campos e sub-campos, reconhecendo apenas uma subordinação quanto a seu funcionamento e às suas transformações ao campo de produção econômica (Bourdieu, 2010), mas sem especificar como opera esta subordinação. Também não se estabelece com clareza a influencia recíproca que diversos campos podem exercer sobre os *habitus* de agentes, que por diversas circunstâncias devem interagir ao mesmo tempo ou em sua trajetória de vida em distintos campos.

De outro lado, no pensamento de Bourdieu, na definição da estrutura dos distintos campos sociais que determina as posições que ocupam os agentes, tem centralidade a distribuição dos distintos tipos de capital ou de poder. Como aponta Burawoy (2010),<sup>28</sup> chama atenção a supressão da categoria de exploração na caracterização das relações entre as classes nas sociedades capitalistas. Junto com esta ausência, também não se aborda os aspectos relativos à produção (processo de trabalho, divisão do trabalho, relações produtivas) inclusive na análise que Bourdieu faz das estruturas de produção e consumo no mercado imobiliário.<sup>29</sup>

Outro elemento crítico resultante do arcabouço teórico de Bourdieu decorre da tendência dos *habitus* de interiorizar e de ajustarem-se à estrutura objetiva de relações de dominação e poder presentes nos campos, igual a tendência à naturalização e legitimação destas relações nas categorias de percepção do mundo social dos agentes, tornando os dominados em cúmplices de sua própria dominação. Esta visão, que contribui para compreender as dimensões simbólicas da dominação e seus mecanismos de legitimação, traz dificuldades para explicar os processos de mudança social. Ao mesmo tempo em que deixa pouco espaço para compreender os processos de resistência à dominação presentes nas práticas e na cultura dos dominados. Como aponta Corcuff (2009),

---

28 Ver também Burawoy e Von Holdt, (2011)

29 Burawoy (2010) refere-se ao trabalho de Bourdieu chamado “As estruturas sociais da economia”.

tende a encerrar as práticas populares e as práticas dos dominados dentro do olhar dos dominantes, por exemplo, percebendo somente carências na cultura popular em relação à cultura legítima.

**CLASSES ON PAPER, MOBILIZED CLASSES AND CLASSIFICATION STRUGLES IN  
PIERRE BOURDIEU: A DISCUSSION IN DIALOGUE WITH THE MAKING OF THE  
CLASS OF E. P. THOMPSON**

**Abstract**

This article inquires about the conception of social classes in the thought of Pierre Bourdieu, closely linked to the key notions of his theoretical framework: social space, field, *habitus*, and types of capital. It shows how Bourdieu sees the social space to derive from there cuts among groups of agents who share similar living conditions, constraints and properties, configuring Bourdieu calls classes on paper. Subsequently discusses the constructivist approach of Bourdieu's conception of the *real classes* constituted through different symbolic and political processes, placing it in dialogue with the *making of the class* of E. P. Thompson. Finally, highlights some chiaroscuro in Bourdieu's perspective of classes showing some of its potential and limits.

**Key words:** Social theory, social classes, symbolic struggles, representation.

**REFERÊNCIAS**

- BARANGER, D. *Epistemología e metodología en la obra de Pierre Bourdieu*. 2. ed. Posadas: [s.n.], 2012. Primeira edição eletrônica.
- BENSAID, D. Pierre Bourdieu: l'intellectuel et le politique. *Contretemps*, Paris, n. 4, p.158-168, mayo 2002.
- BOURDIEU, P. *Poder, derecho y clases sociales*. 2. ed. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001. (Derechos humanos y desarrollo, 6).
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. 5. ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008a.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. Campinas SP: Papirus, 2008b.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

- BOURDIEU, P.; WACQUANT L. *Respuestas por una antropología reflexiva*. México: Grijalbo, 1995.
- BRAGA, R. O pêndulo de Marx: Sociologias públicas e engajamento social. *Utopía y Praxis Latinoamericana*. año 16. N. 52, Enero-Marzo, Maracaibo-Venezuela: CESA – FCES – Universidad del Zulia, 2011, p. 55-80.
- BURAWOY, M. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas: Unicamp, 2010.
- BURAWOY, M. i VON HOLDT, K. *Conversations with Bourdieu: the Johannesburg moment*. Johannesburg: Wits University Press, 2012.
- CORCUFF, P. Marx-Bourdieu: allers-retours sur la question des classes. *Contretemps*, Paris, n. 4, p. 145-157, mai, 2002,.
- CORCUFF, P. Figuras de la Individualidad: de Marx a las sociologías Contemporáneas. *Cultura y representaciones sociales*, México, DF, año 2, n. 4, p. 9-41, marzo, 2008.
- CORCUFF, P. Pierre Bourdieu (1930-2002) leído de otra manera: crítica social post-marxista y el problema de la singularidad individual. *Cultura y Representaciones Sociales*, México, DF. año 4, n. 7, p. 9-26, sept. 2009.
- MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel: 1843*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MEIKSINS WOOD, E.. El concepto de clase en E. P. Thompson. *Cuadernos Políticos*, México, DF, n. 36, p. 87-105, abril-junio 1983.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 v. T. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011. (Oficinas de história, 5).
- THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.
- WACQUANT L. F. Notes on Bourdieu's marxism. *International journal of contemporary sociology*, Auburn, v. 38, n. 1 p. 103-109, apr. 2001.

